

FRONTEIRAS ABERTAS: TERRITÓRIO SIMBÓLICO, CULTURA E MODERNIDADE NA HISTÓRIA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA

Prof. Dr. Cristiano Cezar Gomes da Silva.
Professor do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas territoriais e Cultura (PRODIC)
E-mail: cristianocezar@uneal.edu.br

Wilma Lima Maciel
Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação Literatura e Cultura (UFBA)
E-mail: Wilma-maciel2@hotmail.com

Introdução

Os cantos das destaladeiras de fumo fazem parte da cultura popular da cidade de Arapiraca, no Agreste de Alagoas. Este estudo visa analisá-los e compreender a sua importância para a formação histórica e a cultura local, bem como para a sua constituição identitária. O presente trabalho busca discutir a manifestação cultural das destaladeiras de fumo de Vila Fernandes e Canafístula, rememorando-a a partir das entrevistas orais das destaladeiras na comunidade. Tendo como base a história oral, destacamos as transformações desta manifestação cultural a partir do processo de rememoração das destaladeiras através de entrevistas semiestruturadas. Enquanto arcabouço teórico, foram mobilizadas as discussões acerca de história, cultura, história cultural, representação e identidade através de Burke (2003), Bauman (2007), Candau (2011) Pesavento (2003), Hall (2003 -2006), Halbwachs (2013) dentre outros autores.

1. Fundamentação teórica

Discutiremos cultura nos referenciando em Martín-Barbero (1997) e Canclini (1983), analisando o cultural como experiência de produção, dialogando com os teóricos da cultura Geertz (2008), Bauman (2007), Lipovetsky e Serroy (2011), estes últimos discutindo a cultura-mundo. Também traremos uma reflexão a respeito da história e da memória coletiva das destaladeiras, o seu pertencimento e a sua identificação com o território fumageiro, partindo das ideias de Pesavento (2003), Halbwachs (2013), Bosi (1994) e Candau (2011).

Faremos uma abordagem da história das destaladeiras de fumo de Arapiraca, em que discutiremos o processo de expropriação e apropriação do território simbólico fumageiro, este teorizado por Hall (2003, 2006). Além disso, discorreremos sobre as multiterritorialidades no Agreste alagoano nos baseando em Haesbaert (2004), apresentando as modificações no território fumageiro partindo do pressuposto da historicidade do território e sua variação conforme o contexto histórico e geográfico, bem como discutiremos os reflexos da modernidade na construção deste espaço fumageiro.

Observaremos a identidade, a memória e o pertencimento das destaladeiras com a cultura do fumo, realizando uma descrição baseada nas ideias de Peirano (1996), “Os rituais ontem e hoje”, compreendendo o território vivenciado pelas destaladeiras e fazendo a análise das suas narrativas, partindo das mudanças ocorridas diante do processo de modernidade, observando as alterações nessas culturas populares através do hibridismo cultural. Por conseguinte, observaremos a memória coletiva das destaladeiras, partindo do entendimento de que “lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição”. (BOSI, 1994, p. 20).

2. Resultados alcançados

A fala dos grupos marginalizados é roubada e eles não têm voz, tanto na política quanto na mídia e na literatura. Muitas representações estão carregadas de discriminações e, por mais que tentemos nos aproximar, só pode descrever minuciosamente uma dor quem a sente. Por isso, podemos fazer no momento é discutir estas manifestações culturais, dar voz a esses grupos marginalizados e excluídos em nossa sociedade através da discussão de suas práticas culturais. Assim apresento o canto intitulado: “*Olhe eu seu Zé*”

*Olhe eu seu zé
Olhe eu seu zé
Esta roda é carinhosa
Quem não tinha amor
Já tem
Olhe eu seu zé
Tava cozendo na porta
A linha só dando nó
Se quiser falar comigo
Venha hoje
Que eu tô só
Olhe eu seu zé
Olhe eu seu zé
Olhe eu meu bem*

*Esta roda é carinhosa
Quem não tinha amor já tem
Olhe eu seu zé
A saudade é quem me traz
Na grossura de uma linha
Se não fosse saudade
Eu não era tão fininha
Olhe eu seu zé
Olhe eu seu zé
Olhe eu meu bem
Esta roda é carinhosa
Quem não tinha amor já tem
Olhe eu seu zé.*

(Rosália Gomes dos Santos.
google meet, outubro de 2020).

A letra da canção mostra como as destaladeiras representavam os sentimentos de amor dentro de seu território durante o trabalho diário, mas que traziam momentos de relaxamento para espantar o sono e o cansaço nos salões de fumo, bem como durante o plantio. “Aquela vida era boa. A gente cantava só para se distrair, tempo bom”. Esses cantos não apresentam lamentações, representando um contentamento com o trabalho. Outra destaladeira também relembra este tempo:

Vixe! Nós cantava tanto. Era cada música bonita, pisa pilão, tirava verso, se tivesse namorado tirava verso com o namorado... Cantava verso pedindo o dono do fumo pra comprar lanche...lanche pra gente. E no final da safra, da destalação, era um baile. O dono do fumo chamava um sanfoneiro e quando a gente terminava de destalar o fumo, aí começava, a gente dançar. E era assim, uma alegria que só... Quando a gente via uma carroçada, que era de carroça que trazia o fumo da roça, vixe a gente ficava feliz porque ia destalar fumo, todos os dias...todos os dias. Eu nunca me cansei não pra trabalhar, nunca. Oia eu com o barrigão... destalava fumo e juntava até...12 da noite ou mais um pouquinho, nunca me cansei não. (Maria Lúcia B. da Silva, Canafístula, outubro de 2021).

Sabemos que não é fácil trabalhar na roça, no sol e na chuva, e durante a noite na destalação de fumo. Mas o sentimento de pertencimento ao território, à memória, aos discursos as faz sentir confortáveis perante o trabalho. A mestra Maria Lúcia Silva relata que um dia destalou fumo até meia-noite, e ao chegar em casa, já estava perto de ter seu filho. As mestras sentem saudade de conversar, cantar, e se reunir com as amigas durante o trabalho artesanal,

Conclusões

As destaladeiras mesmo adoecendo e passando por dificuldades, sentem saudade do tempo de trabalho com as amigas porque é a interação em grupo que faz reviver e rememorar o seu passado. O trabalho na lavoura de fumo não deixa de ser árduo, os salões de fumo eram locais cansativos. Muitas destaladeiras desenvolveram câncer de pele com a exposição prolongada ao sol sem proteção, apresentavam dores nas costas e no pulso por ficarem muito tempo sentadas, uma vez que muitas dessas destaladeiras dedicaram grande parte de sua vida ao cultivo do fumo. Por outro lado, o labor na fábrica tem tornado a maquinaria dos corpos ainda mais severa. Mas o nosso enfoque não seria comparar e avaliar qual tipo de trabalho é mais nocivo à saúde das trabalhadoras, porém refletir que o processo econômico se refaz dentro de uma lógica de desenvolvimento extremamente

desumana, que desterritorializa os sujeitos e depois os deixa à mercê do desemprego estrutural, como visto na cultura das destaladeiras.

Referências

DALCASTAGNÈ, Regina. **O lugar da fala**. In: _____. Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, setembro de 2004. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> >. Acesso em janeiro de 2022.

HAESBAERT, Rogério. BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Departamento de Geografia. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13419/8619> >.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A desconstrução do popular**. In: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org); trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.p. 247- 264.